

O HOMEM ETERNO

G. K. CHESTERTON

O HOMEM ETERNO

Traduzido por ALMIRO PISETTA

Copyright © 2010 por Editora Mundo Cristão

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chesterton, G. K., 1874-1936

O homem eterno/G. K. Chesterton; traduzido por Almiro Pissetta. — São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

Título original: The Everlasting Man

ISBN 978-85-7325-590-4

1. Cristianismo e outras religiões 2. Igreja Católica — Obras apoloéticas I. Título.

09-05259

CDD-230

Índice para catálogo sistemático:

1. Doutrina cristã: Religião 230

Categoria: Literatura

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: junho de 2010

Nota introdutória

Este livro precisa de uma nota preliminar para que seu escopo não seja mal entendido. Mais que teológica, a visão sugerida é histórica, e não trata diretamente da mudança religiosa que tem sido o principal acontecimento de minha vida, fato sobre o qual já estou escrevendo um volume mais francamente controverso. É impossível, espero, para qualquer católico escrever qualquer livro sobre qualquer assunto, principalmente sobre este assunto, sem mostrar que ele é católico. Mas este estudo não se preocupa especialmente com diferenças entre católicos e protestantes. Boa parte dele dedica-se a muitos tipos de pagãos mais que a qualquer tipo de cristão; e sua tese é que os que dizem que Cristo está no mesmo nível de mitos semelhantes, que o cristianismo está no mesmo nível de religiões similares, só estão repetindo uma fórmula muito envelhecida contestada por um fato muito chocante. Para sugerir isso eu não tive de ir muito além de fatos conhecidos de todos. Não reivindico erudição; e para certas coisas preciso depender, como praticamente já se tornou moda, daqueles que são mais eruditos. Sendo que mais de uma vez divergi do sr. H. G. Wells em sua visão da história, é muito mais que justo que eu aqui deva congratular-me com ele pela coragem e imaginação construtiva demonstradas ao longo de sua vasta, variada e profundamente interessante obra; mas ainda mais por ele ter afirmado o direito justo do amador de fazer o que puder com os fatos apresentados pelos especialistas.¹

Sumário

Introdução	
O plano deste livro	9
da criatura chamada homem	
Capítulo 1	
O homem na caverna	23
Capítulo 2	
Catedráticos e homens pré-históricos	41
Capítulo 3	
A antiguidade da civilização	59
Capítulo 4	
Deus e a religião comparada	87
Capítulo 5	
O homem e as mitologias	107
Capítulo 6	
Os demônios e os filósofos	123

8 O homem eterno

Capítulo 7

A guerra dos deuses e demônios 145

Capítulo 8

O fim do mundo 161

do homem chamado Cristo

Capítulo 1

O Deus na caverna 179

Capítulo 2

Os enigmas do Evangelho 197

Capítulo 3

A história mais estranha do mundo 211

Capítulo 4

O testemunho dos hereges 227

Capítulo 5

A fuga do paganismo 247

Capítulo 6

As cinco mortes da fé 265

Conclusão 277

Apêndice 1

Sobre o homem pré-histórico 287

Apêndice 2

Sobre autoridade e exatidão 289

Nota biobibliográfica sobre o autor 291

Notas 301

Introdução

O plano deste livro

Há duas maneiras de chegar em casa, e uma delas é ficar por lá. A outra é caminhar e dar a volta ao mundo inteiro até retornarmos ao mesmo lugar. E eu tentei seguir o rastro de uma viagem assim em uma história que escrevi outrora. É, todavia, um alívio passar daquele tópico para outra história que nunca escrevi. Como todos os livros que nunca escrevi, trata-se de longe do melhor livro que jamais escrevi. Mas é muito grande a probabilidade de que nunca venha a escrevê-lo, por isso vou usá-lo aqui de modo simbólico, pois era um símbolo da mesma verdade. Eu o concebi como um romance situado naqueles vastos vales com encostas em declive, como aqueles ao longo dos quais os antigos cavalos brancos de Wessex aparecem esboçados nos flancos das montanhas.¹ O romance dizia respeito a algum rapaz cujo sítio ou casinha situava-se num desses declives, e ele empreendeu uma viagem em busca de alguma coisa tal como uma efígie ou o túmulo de algum gigante. E quando estava a uma boa distância de casa ele olhou para trás e viu que seu próprio sítio e quintal brilhando nitidamente no flanco da montanha, como as cores e quadrantes de um brasão, eram apenas partes de alguma dessas figuras gigantescas, onde ele sempre havia morado, mas que eram demasiado grandes e estavam perto demais para serem vistas por inteiro. Esse, penso eu, é um quadro verdadeiro do progresso de qualquer inteligência atual realmente independente; e essa é ideia deste livro.

A ideia deste livro, em outras palavras, é que, depois de realmente fazer parte da cristandade, a segunda melhor coisa é situar-se realmente fora dela. E um aspecto particular dessa ideia é que os críticos populares do cristianismo não se situam realmente fora dele. Encontram-se num terreno discutível, em todas as acepções do termo. Duvidam de suas próprias dúvidas. A crítica deles assume um tom curioso: é como uma gritaria aleatória de analfabetos. Produzem um palavrório atualizado e anticlerical numa espécie

de conversa fiada. Queixam-se de curas que se vestem como curas; como se devêssemos todos ter mais liberdade se todos os policiais que nos perseguissem ou nos capturassem fossem detetives à paisana. Ou então se queixam de que um sermão não pode ser interrompido e chamam o púlpito de castelo de um covarde, embora não chamem o escritório de um editor de castelo de um covarde. Isso seria injusto tanto para com jornalistas quanto para com sacerdotes; mas seria muito mais verdadeiro em referência a jornalistas. O clérigo se apresenta em pessoa, e alguém poderia facilmente lhe desferir um chute quando saísse da igreja; o jornalista esconde até o próprio nome de modo que ninguém pode chutá-lo. Os jornalistas escrevem cartas e artigos malucos e sem sentido sobre o motivo de as igrejas estarem vazias, sem nem sequer ir até lá para saber se estão vazias, ou quais estão vazias. Suas sugestões são mais enfadonhas e ociosas que o mais insípido cura de uma farsa em três atos e nos levam a confortá-lo seguindo o estilo do cura de *Bab Ballads*, de W. S. Gilbert: “Sua cabeça não é vazia como a de Hopley Porter”. Assim podemos realmente dizer ao mais insignificante membro do clero: “Sua cabeça não é tão vazia como a do Leigo indignado, ou da Pessoa simples, ou do Homem da rua, ou de qualquer um dos críticos dos jornais; pois eles não têm a mais vaga noção do que querem, sem falar no que lhes deveríamos dar”. De repente eles se viram e insultam a Igreja por ela não ter impedido a Guerra que eles mesmos não quiseram impedir, e que ninguém jamais professara ser capaz de impedir, com exceção de alguns membros daquela mesma escola de cétricos progressistas e cosmopolitas que são os principais inimigos da Igreja. Foi o mundo anticlerical e agnóstico que profetizou o advento da paz universal; é esse mundo que se sentiu, ou que deveria ter-se sentido, envergonhado e confuso ante o advento da guerra universal. Quanto à visão geral de que a Igreja ficou desacreditada em virtude da Guerra — eles também poderiam dizer que a Arca ficou desacreditada em virtude do Dilúvio. Quando o mundo vai mal, comprova-se sobretudo que a Igreja está certa. A Igreja se justifica não porque seus filhos não pecam, mas porque pecam. Mas isso marca a disposição deles acerca de toda a tradição religiosa: eles estão num estado de reação contra ela. Tudo está bem com o rapaz quando ele mora na propriedade de seu pai; e tudo está bem com ele quan-

do está longe o suficiente para olhar para trás e ver a propriedade toda. Mas essa gente chegou a um estado intermediário, caiu num valo intermediário de onde não se podem ver nem os montes lá na frente, nem os montes lá atrás. Eles não conseguem sair da penumbra da controvérsia cristã. Não conseguem ser cristãos e não conseguem deixar de ser anticristãos. Toda a atmosfera é de reação: azedume, perversidade, crítica barata. Essa gente ainda vive na sombra da fé e perdeu a luz da fé.

Ora, a melhor relação com a nossa casa espiritual é ficar suficientemente perto para amá-la. Mas a segunda melhor relação é ficar suficientemente longe para não odiá-la. A tese destas páginas é que, embora o melhor juiz do cristianismo seja o cristão, o segundo melhor juiz seria alguém mais parecido com um confucionista. O pior de todos os juízes é aquele que está mais preparado com seus julgamentos; o cristão malformado que gradativamente se transforma no agnóstico mal-humorado, preso no meio de uma briga da qual ele nunca entendeu o começo, infestado por uma espécie de tédio hereditário sem saber do quê, e já cansado de ouvir o que ele nunca ouviu. Ele não julga o cristianismo calmamente como faria um confucionista; não o julga como ele julgaria o confucionismo. Não consegue, mediante um esforço de imaginação, situar a Igreja Católica a milhares de quilômetros de distância em estranhos céus matinais e julgá-la tão imparcialmente como se fosse um pagode chinês. Dizem que o grande Francisco Xavier, que quase conseguiu estabelecer a Igreja na China como uma torre mais alta que todos os pagodes, fracassou em parte porque seus seguidores foram acusados por seus próprios missionários de representar os Doze Apóstolos com roupagem ou atributos de chineses. Mas seria muito melhor vê-los como chineses e julgá-los imparcialmente como chineses do que vê-los como ídolos sem traços característicos feitos para serem quebrados por iconoclastas; ou então como alvos a serem atingidos por *cockneys* de mãos vazias. Melhor seria ver a coisa toda como remoto culto asiático; ver as mitras de seus bispos como os altaneiros chapéus de bonzos misteriosos; ver seus cajados pastorais como as bengalas retorcidas feito serpentes levadas em alguma procissão asiática; ver os livros de oração fantásticos como a roda de oração e a cruz retorcida como a suástica. Então pelo menos não precisaríamos perder as estribeiras

como aparentemente fazem alguns dos críticos céticos, sem falar em perder o bom senso. Seu anticlericalismo tornou-se uma atmosfera de negação e hostilidade da qual eles não conseguem escapar. Melhor do que tudo isso seria ver a coisa toda como algo próprio de outro continente ou outro planeta. Contemplar bonzos com um olhar indiferente seria uma atitude mais filosófica do que ficar resmungando sem parar e sem fazer sentido contra bispos. Passar por uma igreja como se ela fosse um pagode seria melhor do que permanecer constantemente no pórtico, impotente tanto para entrar e ajudar quanto para ir embora e esquecer. Para aqueles nos quais uma simples reação acabou se tornando uma obsessão, eu seriamente recomendo o esforço imaginativo de ver os Doze Apóstolos como chineses. Em outras palavras, recomendo a esses críticos que tentem dispensar aos cristãos um tratamento tão justo quanto o que dispensariam aos sábios pagãos.

Mas com isso chegamos ao ponto final e vital. Tentarei mostrar nestas páginas que quando nós *realmente* fazemos esse esforço imaginativo para ver todo contexto de um ponto de vista externo, percebemos que de fato se parece com o que tradicionalmente se diz no seu interior. É precisamente quando o rapaz se distancia o bastante para ver o gigante que ele vê que se trata de fato de um gigante. É precisamente quando finalmente vemos a Igreja cristã à distância sob aqueles céus orientais claros e uniformes que percebemos que de fato se trata da Igreja de Cristo. Resumindo, no momento em que realmente somos imparciais a respeito dela sabemos por que as pessoas são parciais com ela. Mas essa segunda proposição exige uma discussão mais séria; e eu me proponho aplicar-me aqui a discuti-la.

Assim que na minha cabeça ficou clara essa concepção de algo sólido no caráter único e solitário da história divina, ocorreu-me que existia exatamente o mesmo caráter estranho mas sólido na história humana que havia levado até ela, uma vez que a história humana também tinha uma raiz que era divina. Quero dizer que exatamente como a Igreja se torna mais singular quando é comparada de modo imparcial com a vida religiosa comum da humanidade, assim também a humanidade se torna mais singular quando é comparada com a vida comum da natureza. E notei que a história moderna em sua quase totalidade inclina-se para algo semelhante à prática sofista,

primeiro para suavizar a brusca transição de animais para homens e depois para suavizar a brusca transição de pagãos para cristãos. Ora, quanto mais lemos num espírito realista sobre essas duas transições tanto mais bruscas percebemos que são. Os críticos não veem esse distanciamento porque eles *não* estão distanciados. Por não observarem os fatos numa luz pura, os críticos não conseguem ver a diferença entre preto e branco. Por adotarem uma atitude particular de reação e revolta, eles têm um motivo para entender que toda cor branca é cinza sujo e a preta não é tão preta como aparece na pintura. Não afirmo que não haja desculpas humanas para a revolta; não afirmo que ela não seja de algum modo compassiva. O que quero dizer é que ela não é de modo algum científica. Um iconoclasta pode sentir-se indignado; um iconoclasta pode estar indignado com razão; mas um iconoclasta não é imparcial. E é pura hipocrisia fingir que nove entre dez dos mais ilustres críticos e evolucionistas científicos e professores de religião comparada sejam minimamente imparciais. Por que deveriam ser imparciais, o que é ser imparcial quando o mundo inteiro está em guerra discutindo se uma coisa é uma superstição voraz ou uma esperança divina? Não finjo ser imparcial no sentido de que o último ato de fé fixa a mente de um ser humano por satisfazer-lhe a inteligência. Mas eu professo que sou muito mais imparcial do que eles, no sentido de que posso contar a história de modo imparcial, com alguma espécie de justiça imaginativa para com todas as partes, e eles não podem. Eu professo que sou imparcial no sentido de que deveria me envergonhar por dizer, sobre o Lama do Tibete, os mesmos absurdos que eles dizem sobre o Papa de Roma, ou por ter, pelo apóstata Juliano, tão pouca compaixão como eles têm pela companhia de Jesus. Eles não são imparciais; em hipótese alguma, eles nunca mantêm as balanças históricas equilibradas. E principalmente nunca são imparciais sobre essa questão de evolução e transição. Sugerem em tudo as gradações cinzentas do crepúsculo, porque acreditam que se trata do crepúsculo dos deuses. Eu sustento que, sendo ou não o crepúsculo dos deuses, não é a luz do dia dos homens.

Eu sustento que, quando expostas à luz do dia, estas duas realidades são totalmente estranhas e únicas; e que é apenas à falsa luz crepuscular de um período imaginário de transição que se pode fazer estas realidades se

parecerem minimamente com qualquer outra coisa. A primeira delas é a criatura chamada homem, e a segunda é o homem chamado Cristo. Por isso dividi este livro em duas partes: a primeira é um esboço da principal aventura da raça humana na medida em que permaneceu pagã; e a segunda é um resumo da real diferença que se instaurou quando ela se tornou cristã. Os dois motivos exigem certo método, um método que não é muito fácil de aplicar e talvez seja ainda menos fácil de definir e defender.

Para percutir, no único sentido sadio ou possível, a nota da imparcialidade, é necessário tocar o nervo da novidade. Quero dizer que em certo sentido vemos os acontecimentos de modo imparcial quando os vemos pela primeira vez. É por isso, poderia eu observar de passagem, que as crianças em geral não têm nenhuma dificuldade com os dogmas da Igreja. Mas a Igreja, sendo um campo prático de trabalho e luta, é necessariamente um campo para homens e não meramente para crianças. Nela deve haver, para fins de trabalho, muito de tradição, de familiaridade e até de rotina. Desde que seus fundamentos sejam sentidos com sinceridade, essa pode ser a condição mais sadia. Mas, quando seus fundamentos são postos em dúvida, como acontece no presente, nós devemos tentar recorrer à candura e ao deslumbramento da criança; à objetividade e ao realismo intactos da inocência. Ou então, se isso não for possível, devemos pelo menos tentar nos livrar da nuvem do mero costume e ver a realidade como nova, mesmo que isso signifique vê-la como algo não natural. As coisas que podem normalmente ser familiares enquanto a familiaridade gera afeição deveriam deixar de ser familiares quando a familiaridade gera desprezo. Pois em relação a coisas tão grandes como as que aqui são consideradas, seja qual for nossa visão delas, o desprezo deve ser um erro. De fato o desprezo deve ser uma ilusão. Devemos invocar a mais indômita e sublime imaginação; a imaginação que consegue ver o que está aí.

A única maneira de sugerir essa ideia é por meio de um exemplo de alguma coisa, de praticamente qualquer coisa, que sempre foi considerada bela ou maravilhosa. George Wyndham disse-me certa vez que havia visto um dos primeiros aeroplanos decolar pela primeira vez, e foi maravilhoso; mas não tão maravilhoso como um cavalo que se deixa montar por um homem. Outra

pessoa disse que um homem distinto sobre um belo cavalo é o objeto físico mais nobre do mundo. Ora, desde que se sinta isso da maneira certa, tudo bem. A primeira e melhor forma de apreciar o caso deve provir de gente com uma tradição de tratar animais de modo adequado, de homens com uma relação correta com cavalos. Um menino que se lembra de seu pai que andava a cavalo, que o montava bem e o tratava bem, saberá que a relação pode ser satisfatória e se sentirá satisfeito. Ele se sentirá muito mais indignado ante maus-tratos dispensados a cavalos porque sabe como eles deveriam ser tratados; mas não verá nada de anormal num homem montando um cavalo. Ele não prestará ouvidos ao grande filósofo moderno que lhe explica que o cavalo deveria ir montado no homem. Ele não seguirá a fantasia pessimista de Swift dizendo que os homens devem ser desprezados como macacos e os cavalos adorados como deuses. E quando cavalo e homem juntos formam uma imagem que para ele é humana e civilizada, será fácil, por assim dizer, elevar o cavalo e o homem e transformá-los em algo heroico ou simbólico; como uma visão de São Jorge nas nuvens. A fábula do cavalo alado não soará de todo inatural para ele, e ele saberá por que Ariosto colocou muitos heróis cristãos sobre uma sela tão etérea e fez deles cavaleiros do céu. Pois o cavalo foi de fato elevado juntamente com o homem da maneira mais fantástica na própria palavra que usamos ao falar de “cavalheirismo”. O próprio nome do cavalo foi conferido à disposição e ao momento mais elevado do homem; de modo que quase poderíamos dizer que o mais belo cumprimento dispensável a um homem é chamá-lo de cavalo.

Mas se um homem está num estado de espírito no qual ele *não* consegue sentir essa espécie de deslumbramento, então sua cura deve começar exatamente na outra extremidade. Devemos agora supor que ele se deixou levar para um estado de espírito sem graça, no qual alguém sentando sobre um cavalo não tem mais significado do que alguém sentando sobre uma cadeira. O deslumbramento de que falava Wyndham, a beleza que fazia aquilo parecer uma estátua equestre, o significado do cavaleiro mais cavalheiresco, para ele podem ter-se tornado apenas uma convenção e uma chatice. Talvez tenham sido apenas uma moda; talvez tenham saído de moda; talvez se tenha falado demais daquilo ou falado da maneira errada; talvez então fosse

difícil preocupar-se com cavalos sem correr o terrível risco de ser rústico. Seja como for, ele está naquela condição em que já não se liga mais para um cavalo do que para um cavaleiro de pau. A investida do avô dele na batalha de Balaclava parece-lhe tão insípida e empoeirada como o álbum que contém aqueles retratos da família. Uma pessoa assim de fato ainda não se esclareceu sobre o álbum; pelo contrário, apenas ficou cega devido ao pó. Mas quando tiver atingido *esse* grau de cegueira, ela não conseguirá de modo algum olhar para um cavalo ou para um cavaleiro a não ser que veja o quadro todo como um quadro totalmente desconhecido e quase sobrenatural.

Saindo de alguma floresta escura, num certo alvorecer antigo, deve vir em nossa direção, movendo-se com dificuldade e mesmo assim dançando, nada menos que uma das criaturas pré-históricas mais esquisitas. Devemos ver pela primeira vez a cabeça estranhamente pequena acoplada a um pescoço não apenas mais comprido, mas também mais grosso que ela, como a cara de uma gárgula que é encaixada na ponta de uma calha, com um único tufo desproporcional de cabelo caindo da saliência daquele pescoço pesado, feito uma barba fora de lugar; os pés, cada um deles como um tacão de chifre, únicos entre os pés de tantos animais domésticos; de modo que o verdadeiro medo é o de ser identificado por não ter um casco inteiriço em vez de fendido. E não constitui mera fantasia verbal vê-lo assim como um monstro sem par, pois em certo sentido um monstro significa o que é único, e ele é de fato único. A ideia, porém, é que quando o vemos assim como ele foi visto pelo primeiro homem, nós começamos novamente a ter uma sensação do que significou a primeira experiência de alguém montá-lo. Num sonho assim ele pode parecer feio, mas realmente não deixa de parecer impressionante; e com certeza o anão bípede que conseguiu subir no lombo dele não parecerá inexpressivo. Percorrendo um caminho mais longo e mais errático nós devemos retornar à mesma maravilha do homem e do cavalo; e, se possível, a maravilha será até mais maravilhosa. Vamos novamente ter um vislumbre de São Jorge; ainda mais glorioso porque São Jorge não está sobre o cavalo, mas sim montando o dragão.

Nesse exemplo apresentado simplesmente por ser um exemplo, notar-se-á que não afirmo que o cavalo fantástico testemunhado pelo primeiro ho-

mem na floresta é mais real ou maravilhoso do que o cavalo doméstico visto pela pessoa civilizada que sabe apreciar o que é normal. Dos dois extremos, julgo que no todo o entendimento tradicional da verdade é o melhor. Mas afirmo que a verdade se descobre num ou noutra desses dois extremos, e ela se perde na condição intermediária de mera exaustão e esquecimento da tradição. Em outras palavras, afirmo que é melhor ver um cavalo como um monstro do que vê-lo apenas como um lento substituto de um carro. Se chegamos a *esse* estado de espírito que vê num cavalo algo envelhecido, é muito melhor ter medo de um cavalo por ser ele demasiado robusto.

Ora, como acontece com o monstro que se chama cavalo, assim acontece com o monstro que se chama homem. É óbvio que a melhor condição de todas, na minha opinião, é sempre considerar o homem como ele é visto na minha filosofia. Aquele que adota a visão cristã e católica da natureza humana terá certeza de que se trata de uma visão universal e, portanto, sadia e se sentirá satisfeito. Mas se tiver perdido a visão sadia, ele só pode retornar por meio de algo muito parecido com uma visão insana; isto é, vendo o homem como um animal estranho e percebendo como é estranho esse animal. Mas exatamente como ver o homem como um prodígio pré-histórico acaba nos levando de volta à admiração da superioridade do homem e não para longe dela, assim a consideração *realmente* distanciada da curiosa carreira do homem nos levará de volta à antiga fé nos obscuros desígnios de Deus e não para longe dela. Em outras palavras, exatamente quando vemos como é esquisito o quadrúpede é que nós louvamos o homem que o monta; e exatamente quando vemos como é esquisito o bípede é que nós louvamos a Providência que o criou.

Em resumo, o propósito desta introdução é defender esta tese: que precisamente quando vemos o homem como um animal é que nós sabemos que ele não é um animal. Precisamente quando tentamos retratá-lo como uma espécie de cavalo sobre as pernas traseiras é que de súbito percebemos que ele deve ser algo tão miraculoso como o cavalo alado que ascendeu às nuvens do céu. Todas as estradas conduzem a Roma, todos os caminhos levam de volta à filosofia central e civilizada, inclusive esta estrada que passa pela terra dos elfos e das pernas para o ar. Mas pode ser que seja melhor nunca

ter deixado a terra de uma tradição racional, em que os homens montam com leveza seus cavalos e são grandes caçadores perante o Senhor.

Assim, no caso especialmente do cristianismo nós temos de reagir contra o forte viés da exaustão. É quase impossível dar cores vivas aos fatos, porque são fatos conhecidos; e para homens decaídos muitas vezes é verdade que a familiaridade é exaustão. Eu estou convencido de que, se pudéssemos contar a história sobrenatural de Cristo palavra por palavra como se fosse a história de um herói chinês, chamando-o de Filho do céu em vez de Filho do Homem e tracejando os raios de sua auréola com fios de ouro de bordados chineses ou com a laca dourada da cerâmica chinesa, em vez de usar o folhado a ouro de nossos antigos quadros católicos, haveria um testemunho unânime da pureza espiritual da história. Nesse caso nada ouviríamos sobre a injustiça da substituição ou o absurdo da expiação, sobre o exagero supersticioso do peso do pecado ou a intolerável insolência de uma invasão das leis da natureza. Admiraríamos o cavalheirismo da concepção chinesa de um deus que caiu do céu para lutar com dragões e impedir que os maus fossem devorados por sua própria culpa e loucura. Admiraríamos a sutileza da visão chinesa da vida, capaz de perceber que todas as imperfeições humanas são, segundo a mais pura verdade, imperfeições evidentes. Admiraríamos a esotérica e superior sabedoria chinesa, que afirma haver leis cósmicas superiores às leis que conhecemos; acreditaríamos em cada mágico indiano que decidisse vir até nós falando nesse mesmo estilo. Se o cristianismo fosse apenas uma nova moda oriental, ele nunca seria acusado de ser uma velha fé oriental. Eu não proponho neste livro seguir o suposto exemplo de Francisco Xavier com a intenção imaginativa oposta, e transformar os Doze Apóstolos em Mandarins; nem fazê-los parecer nativos, nem fazê-los parecer estrangeiros. Não proponho fazer o que seria uma brincadeira totalmente bem-sucedida: a de contar toda a história do evangelho e toda a história da igreja num cenário de pagodes e rabichos; e observar com malicioso humor quanto ela seria admirada como uma história pagã, exatamente na região onde, como uma história cristã, ela é condenada. Mas eu me proponho percutir sempre que possível essa nota do que é novo e estranho, e por essa razão o estilo, mesmo num assunto tão sério, pode às vezes ser deliberadamente gro-

tesco e fantasioso. Realmente quero ajudar o leitor a ver o cristianismo do ponto de vista exterior no sentido de vê-lo como um todo, contra o pano de fundo de outras realidades históricas; exatamente como quero que ele veja a humanidade como um todo, contra o pano de fundo de realidades naturais. E eu afirmo que nos dois casos, quando vistas desse modo, essas realidades se destacam de seu pano de fundo como realidades sobrenaturais. Elas *não* se esfumam nas outras coisas com as cores do impressionismo; destacam-se do resto com as cores da heráldica; tão vívidas como a cor vermelha sobre o branco de um brasão ou o leão negro sobre um fundo azul. Assim se destaca a argila vermelha contra o campo verde da natureza, ou o Cristo branco sobre a argila vermelha de sua raça.

Mas para ver essas realidades com clareza nós precisamos vê-las como um todo. Precisamos ver como se desenvolveram e como começaram, pois a parte mais incrível da história é que coisas que começaram assim devessem desenvolver-se assim. Quem quiser entregar-se à mera imaginação pode imaginar que outras coisas poderiam ter acontecido ou outras entidades evoluído. Quem quiser pensar no que poderia ter acontecido pode conceber uma espécie de igualdade evolucionária; mas quem enfrentar o que de fato aconteceu deve defrontar-se com uma exceção e um prodígio. Se alguma vez houve um momento em que o homem foi apenas um animal, nós podemos se quisermos fazer um quadro fantasioso de sua carreira transferida para algum outro animal. Poder-se-ia criar uma fantasia divertida na qual elefantes construíssem seguindo uma arquitetura elefantina, com torres e torreões iguais a presas e trombas, cidades acima da escala de qualquer colosso. Poder-se-ia conceber uma fábula agradável na qual uma vaca tivesse desenvolvido uma fantasia e vestisse quatro botas e dois pares de calças. Poderíamos imaginar um supermacaco mais maravilhoso que qualquer superhomem, uma criatura quadrúmana que esculpisse e pintasse com as mãos e cozinhasse e fizesse trabalhos de carpintaria com os pés. Mas se estamos considerando o que de fato aconteceu, certamente deveremos a todo momento concluir que o homem se afastou de tudo interpondo uma distância igual à dos espaços astronômicos e à velocidade de um raio. E da mesma maneira, embora possamos se quisermos ver a Igreja no meio de uma multidão

de superstições mitríacas e maniqueias brigando e matando-se entre si no fim do Império; embora possamos se quisermos imaginar a Igreja morta nessa luta e algum outro culto qualquer lhe tomando o lugar, nós ficaremos ainda mais surpresos (e talvez intrigados) se a encontrarmos dois mil anos depois precipitando-se através dos tempos como raio alado do pensamento e eterno entusiasmo; algo sem rival ou semelhança; e ainda assim tão nova quanto velha.